



# Vida Alentejana

SEMANARIO AGRICOLA // PECUARIO // TURISTICO DE COTACOES

Editor: ANTONIO BELEZA  
Parte da Empresa em organização: ALENTEJANA-EDITORIA

DIRECTOR  
PEDRO MURALHA

Redacção, Administração e Oficinas:  
R. DA ROSA, 105—Telef. 2 1622—LISBOA

## Fala a lavoura:



STICKSTOFF-SYNDIKAT  
G. M. B. H.

«Tendo feito o ano passado um confronto de adubações com o vosso — **NITROPHOSKA** — em searas de trigo e aveia, fiquei satisfeitiíssimo com os resultados obtidos, pois o excesso de produção foi em mais do dôbro no grão e muito superior no pêso específico e três vezes mais na palha, pelo que por êsse motivo resolvi nas presentes sementeiras empregar só adubo dessa Sociedade abandonando todos os outros que empregava de outras prôveiências».

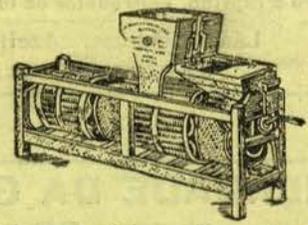
Sociedade Agricola de Salvaterra de Magos  
a) Alfredo Belo

### Sociedade de Anilinas, Limitada

Secção Agricola

Travessa das Pedras Negras, 1—LISBOA

## Crivos "MAROT"

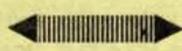


São êstes os únicos que satisfasem plenamente os agricultores, seleccionando com impecável perfeição trigo, centeio, cevadas e aveia

Pedir mais detalhes ao representante exclusivo em Portugal  
**CASA CAPELLA—Rua de S. Paulo, 109—LISBOA**

## Adubos "SAPEC"

**Superfosfatos**  
**Sulfato de amonio**  
**Adubos potassicos**  
**Adubos mixtos para**  
**todas as culturas**



**Os melhores adubos**  
**Nas melhores sacarias**

## "SAPEC"

Rua dos Fanqueiros, 121  
— LISBOA —

## Balneario de S. João do Deserto Aljustrel

**Com alojamentos para doentes**  
Propriedade da Junta de Freguesia de Aljustrel— a dois quilometros de distancia da Vila e cerca de três da estação dos Caminhos de Ferro.  
Águas medicinais com a seguinte classificação: *Fia, Hypersalina, Sulfatada, Ferrea, Cubica e Arsenical.*  
Utilisada com grande exito na cura das doenças de pele e ulceras antigas.

**João Manuel Palma**  
**SERPA**

Produtor e fabricante de azeites, pelos processos mais modernos

Telefone N. 5274

**J. J. d'Almeida**

Cereais, Azeites e Farinhas

Rua de S. Bento, 297—Lisboa

**Francisco Romão Tenório**

Herdade da Figueira de Cima

Creador de muars de raça seleccionada, e de gado cavalari, bovino, suino lanigero e caprino. — Produtor de toda a qualidade de cereais.

Lãs, Cortiças, Azeites, Queijos  
**ARRONCHES**

**PATRICIOS**

Inscreevi-vos na

«LUTUOSA NACIONAL»

(ASSOCIAÇÃO SOCORRO MUTUO)

Subsidios de **5, 10, 15**  
e **vinte mil escudos**

A mais solida garantia de sobrevivência

Peça hoje a sua inscrição  
Entrada dos 18 aos 45 anos

Rua Victor Cordon, 31, 2.º

LISBOA

**HERDADE DA GRAMICHA**

DE

**Francisco Adelino Gonçalves**

Creador de gado bovino, suino, lanigero, azinino e caprino

PRODUTOR DE CEREAIS, LÃS, AZEITES E QUEIJOS

**ELVAS**

**Dr. Rosado Baptista**

**VACINA FIEDMANN**, para cura da tuberculose, das 11 às 16. Classes pobres, preço de Policlinica, às segundas e quintas, Av. Almirante Reis, 31, 1.º — Tel. N. 4363

**JOSÉ JULIO BRITO PAIS FALCÃO**

**HERDADE DO MONTE VELHO**

Exporação Agricola e Pecuária

Colos—ALENTEJO

**CLINICA**  
**MEDICO**  
**CIRURGICA**

DE

Dr. João Pulido e Dr. Couvas Cima

**Casa de Saúde**

Tratamentos electricos, diatermia.  
Raios ultra-violetas, infra-vermelhos, correntes galvânicas  
Faradycas

**RAIOS X**

Quartos para internamento de doentes

Alta cirurgia a cargo do Ex.º Sr.  
Dr. Amandio Pinto

R. Capitão João Francisco de Sousa

**BEJA**

**Joaquim da Silva Brito Pais**

Herdades do Monte Negro, Reguengo, Silveira, Rata e Amejoafra

Exploração Agricola e Pecuária

ESPECIALIDADE EM QUEIJOS E MEL

Monte Negro — VALE DO SADO

**C. J. SOARES**

**CIRURGIÃO DENTISTA**

R. Alexandre Herculano, 108, 1.º-E.

Telefone 4 2890

Desconto de 20 % sobre a tabela aos socios do Grémio Alentejano a suas familias

# Vida Alentejana

SEMANARIO AGRICOLA // PECUARIO // TURISTICO // DE COTACÕES

Editor: ANTONIO BELEZA

Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA-EDITORA

DIRECTOR

PEDRO MURALHA

Redacção, Administração e Oficinas:

R. DA ROSA, 105—Telef. 2 1622—LISBOA

## NÃO PODE SER!...

Numa "orelha" do *Diario de Noticias*, do dia 24, lemos com surpresa, em grossos normandos, o seguinte:

«Os representantes da Liga Agraria do Norte, acompanhados pelo sr. dr. Penha Garcia, avistaram-se ontem com o Ministro da Agricultura, a quem expuzeram o seu projecto de uma Exposição Agrícola Peninsular, a realizar no Porto, no próximo ano».

*Vida Alentejana*, assim como outros órgãos da Imprensa do Alentejo, vem há meses defendendo a iniciativa duma Exposição Agrícola que, não podia ser noutra cidade que não fosse Évora. No nosso n.º 2, apresentavamos o alvitre de se crear a Sociedade Agrária Alentejana, entidade que já devia estar organizada, mas que, certamente pelos muitos trabalhos do Grémio Alentejano esta instituição não tratou ainda do assunto.

Surge agora a pretensão da

Liga Agrária do Norte, aliás muito louvavel, mas que é certamente impraticável, visto que essa exposição só o Alentejo a deve produzir, visto o Alentejo ser considerado, e com muita justiça, a verdadeira, a autentica região agrícola, cognominada de *Celeiro de Portugal*.

Mas dizemos que a iniciativa da Liga Agraria do Norte é impraticavel ainda por um motivo mais forte. E' que o orgulho Alentejano o não permite; é que vendo o seu Alentejo desconsiderado, não mandará à projectada Exposição nem uma espiga de trigo. E não é com o milho do Norte, com certeza, que se fará uma Exposição Agrícola, com a agravante de se tratar de uma Exposição Peninsular.

Resta saber a attitude que tomarão não só os Sindicatos Agricolas Alentejanos, mas o nosso Grémio, que em Lisboa representa o Alentejo, e como tal, tem o dever de o defender,

não consentindo que lhe sejam esbulhados os seus legítimos direitos.

A nossa posição será sempre esta. A Exposição Agrícola Pecuaría constitui uma necessidade visto já se terem feito com grande êxito as Exposições Industrial e Colonial. Mas só no Alentejo ela deverá produzir-se porque só o Alentejo tem condições para esse empreendimento.

## O Número do Ano Bom

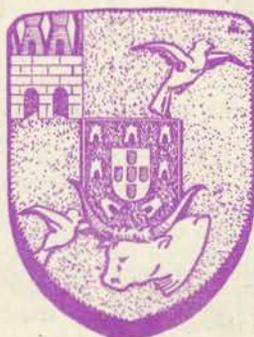
Como noticiámos, desejamos publicar, pelo Ano Bom, um número especial da *Vida Alentejana*, descrevendo o esforço durante o ano de 1934, não só das Camaras Municipais, mas dos Sindicatos Alentejanos, tendo algumas destas entidades já acudido ao nosso apelo.

Pedimos, pois, a tódas as Camaras e Sindicatos o favor de uma resposta á circular que lhes enviamos. Tanto mais que as descrições serão feitas segundo a ordem em que forem sendo recebidas.

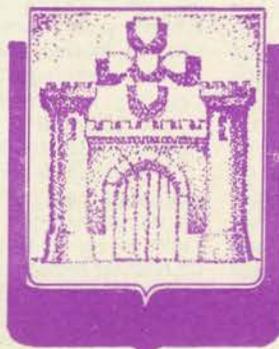
## BRAZÕES ALENTEJANOS



Beja



Portalegre



Elvas



Moura

# Dois lavradores de Elvas

## afirmam que o pão pode baratear sem prejudicar a lavoura

O sr. Francisco Adelino Gonçalves é um dos maiores lavradores do districto de Portalegre, principalmente do concelho de Elvas, sendo ali bem conhecido pelos lavradores da Gramiça.

Abardamo-lo a uma mesa do Nicola. Convida-nos a sentar.

— Eu desejava ouvi-lo sobre a lavoura, lhe dissemos.

— Olhe, ainda bem que o encontrei, para lhe dizer que discordo em parte da entrevista que a *Vida Alentejana* publicou relativamente ás afirmações produzidas pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente da Associação da Agricultura, e que dizem respeito a diminuição do preço da tabela de trigos.

— Mas pode baixar o preço do pão sem mexer na tabela dos trigos? Tanto se pode que ainda o ano passado, sendo a tabela do trigo a mesma se comia em Elvas pão a 1.60.

— Mas afirma-se que esse facto se dava devido á desorganização da industria moageira.

— Deixe lá falar, e creia que se lhe pusessem a mesma percentagem de centeio que lhe punham há pouco mais de um mez, o preço do pão seria o mesmo que era.

— Parece-lhe então?...

— Que não será boa política mexerem na tabela. A lavoura acudiu ao chamamento do Governo quando se iniciou a campanha da cultura do trigo. E' necessário cultivar-se trigo? Cultive-se. Terras pobríssimas foram regadas de ouro transformado em adubo. E conseguimos alcançar uma aspiração muito velha. Colhermos trigo para todo o nosso consumo. Acabou-se a drenagem de ouro para o estrangeiro.

Se não continuam a animar a lavoura, julgo que será o incentivo para engrossar o exército dos sem trabalho, porque muitos lavradores, preferirão as suas terras apenas para pastagens. Tôda a gente, quando fala na tabela do trigo, julga que ela constituiu uma grande mina para a lavoura. Puro engano. Até na Espanha o preço do trigo é a 53 e 54 pesetas os 100 quilos, preço mais elevado do que o nosso. Salvaram-se os lavradores este ano? Salvaram-se regularmente. Mas se tivéssemos um ano como o ano passado? Era a ruína para muitos, creia-o.

— Concorde com os dois tipos de pão?

— Absolutamente concordo com

tudo que possa baixar o preço do pão sem se sacrificar a lavoura visto que esta não pode com tais sacrificios.

Senhor Pedro Muralha:

Causou vivíssima impressão a entrevista concedida ao seu simpatico semanário, pelo illustre presidente da Associação Central da Agricultura, Sr. Dr. Joaquim Nunes de Mexia, no que respeita a sua preconização de ser reduzida a tabela official do preço do trigo, sem que de S. Ex.<sup>a</sup> partisse logo o seu protesto por semelhante pretensão.

Não é preciso recorrer ao barateamento do preço do trigo para se manter abarateamento do preço do pão; para a subida dêste nada concorreu a não ser a organização das Moagens em *trucs* que a semelhança dos monopolios, foram sempre a determinante da espoliação publica sem fundamental, nas industrias que exploram.

No caso presente maior aplicação tem o conceito se repararmos que foram as Moagens quem voluntariamente estabeleceu a industria da panificação e o preço do pão.

Nesta região, estabeleceram padarias e fabricavam pão, a Companhia Elvense de Moagens a vapor, a União Moageira de Campo Maior, a Fabrica de Moagens em Vila Boim vendendo o pão a 1.60 e 1.70 Kilo, bem fabricado e que tinha larga aceitação.

Como se explica que estas empresas não possam continuar a fabricar e vender o mesmo pão ao mesmo preço, visto que a matéria prima — o trigo — não aumentou de preço.

E, haja em vista que para o efeito do aumento não concorre a redução da percentagem até agora concedida aos compradores de farinhas, por isso que fabricando o pão com o producto do seu fabrico evitam o dispendio dessa percentagem, suspendida aos padeiros e negociantes de farinhas, o que levantou a celêuma dos inspectivos interessados.

A situação da lavoura, é demasiado delicada para a menos-prezar ou tentar complicar; não se cuide que pelo facto de ela ter tido um ano agricola de relativa abundancia se colocou em situação completamente desafogada, e esses proventos não foram absorvidos por enormes sacrificios vindos de longe em pról de produção.

Esperançada numa permanente e duradoura protecção official referente ao preço do trigo, vem a lavoura, abalçando-se a todos os comentimentos tendentes a bastar o consumo publico e a concorrer com a sua quóta parte para a situação que o evasio publico disfruta, em grande parte mercê da eliminação do escalracho da importação de trigo de triste memória.

Sacrificar esse empreendimento alias dignificante para os patrioticos Governos que o vêm amparando e para a classe que mais concorre para o bem-estar nacional proporcionando trabalho e beneficios a todas as artes, pelo simples facto de que ela se não tem sabido organizar, «nem tem a natural e justa defesa nas suas agremiações de preponderancia», será motivo de tristezas mas não é de contemporizações que se lhe não afigure de justiça ou de necessidade.

A lavoura nacional nada mais pede que não seja para lhe serem recebidos e pagos os trigos da sua produção; em nada concorreu para as manigancias das Moagens, quer mesmo que se acentue nitidamente o facto, para irem a quem couberem as culpas do aumento do preço do pão; apenas deseja que a tenham no devido apreço e a não perturbem na sua tremenda labuta de trabalho e de persistencia, criando-lhes maiores difficuldades e transtornos.

Atentem nisso todos os que tenham de superintender no assunto, para se não destruir a obra colossal de resurgimento para que ela tem contribuido.

Será erro de perniciosas consequencias não vêr quanto terá de util e benéfico manter a actual tabela de preços para o trigo. Visto estar feita a experiência, de ela deriva o aumento de riqueza nacional, a difusão de trabalho, a valorização da propriedade etc. etc.

O preço do pão pode e deve manter-se estabelecendo dois tipos, um de farinhas muito claras e mais caro, outro de farinhas de trigo rijo, do trigo rijo que tanto embaraça as Moagens, e que embora menos claro, seja mais alimenticio e barato, compativel com as proventos das classes menos remediadas — só isso há que atender mais nada!

JOSÉ MENDES  
«lavrador em Elvas»

19-11-1934

# Monografias históricas

da sua elaboração resulta a verdadeira história de Portugal

Por Albino Lapa

Há poucos dias ainda o sr. Laranjo Coelho, da Academia de Ciências e sub-director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, alentejano de raça, pois nasceu na ridente vila de Cabeço de Vide, realizou a convite dos Altos Estudos, duas brilhantes lições, formidáveis em erudição, sobre o momentoso assunto, de se elaborarem monografias locais, para que da sua junção, se podesse fazer com rigor a verdadeira história de Portugal.

Apontou no decorrer das suas magistraes lições, exemplos da Alemanha, da França, etc.

E Portugal?

Um ou outro curioso tem tentado esta ingrata missão, ainda mal compreendida por muitos e até pelo próprio Estado, que devia facilitar a impressão destes transcendentos trabalhos, de verdadeira investigação.

Estará certo? Não. Portugal necessita mais do que nunca, mostrar ao mundo inteiro, a riqueza da sua história e as belezas luxuriantes das suas encantadoras planícies.

Para isso torna-se necessário, que as Camaras Municipais alentejanas, convidem pessoas de comprovada competência, a elaborarem esses estudos, quer no campo da arte, da literatura, da ciência e da riqueza do seu solo.

Numa palavra—tudo que interesse à localidade.

Quanto não será agradável para nós, que distante vivemos da pátria onde nascemos, que as Camaras compreendessem o alto significado que esses estudos históricos trariam para as povoações e para Portugal—narrando-lhes a história da sua fundação, descrevendo os feitos guerreiros que nelas tiveram eco, a descrição minuciosa dos seus castelos, dos seus palácios solarengos, das suas igrejas e ermidas não esquecendo a biografia dos seus ilustres varões!

Mas no decorrer destas linhas não devemos esquecer a obra formidável que representa o *Album Alentejano* inteligentemente organizado por Pedro Muralha—porque as Camaras Municipais de Campo Maior, Marvão, Arronches, Portalegre, Souzel, Castelo de Vide, Ponte de Sôr, Fronteira, Niza e a Junta de Fregussia de Cabeço de Vide, atendendo ao alto interesse que merece a divulgação das suas riquezas, mandaram publi-

car separatas desse album, e que ficaria, constituindo a pedra preliminar na organização das monografias históricas locais.

Estamos certos nesta hora de verdadeira renovação espiritual, que todos os municípios alentejanos, alguma coisa de prático hão-de resolver.

E de aí formularmos este grito, cheio de amor à província que amamos.

\* \* \*

No próximo artigo: *Subsídios para a História do Alentejo*.

## Um novo Sindicato Agrícola

Arronches, Novembro de 1954.

A convite do Sr. Presidente da Camara Municipal reuniu-se, no dia 18 do corrente mês, no Salão Cinema desta vila, a maioria dos lavradores deste concelho, afim de se tratar da instalação do Sindicato e da Caixa de Crédito Agrícola.

Aberta a sessão o Sr. Presidente da Camara convidou para presidir o Sr. Francisco Romão Tenório, Presidente da Delegação da F. N. P. T., que em breves palavras fez a apresentação dos Srs. Dre. Joaquim José Paiva Caldeira, Director do Posto Agrário de Elvas e João Pires Andrade, Inspector Municipal de Sanidade Pecuária deste concelho, os quais no uso da palavra patentearam as vantagens, necessidade e até obrigatoriedade que ha na fundação destas instituições.

O Sr. Dr. Paiva Caldeira, por uma fórmula interessante e clara demonstrou a mecânica das operações das caixas de credito agrícola em tôdas as suas modalidades.

Terminadas as palestras foram nomeadas duas comissões, sendo uma para a fundação do sindicato, composta dos Srs. Francisco Romão Tenório, António Bigares e António Joaquim Manuel e outra para a organização da Caixa de Crédito Agrícola de que ficaram fazendo parte os Srs. António de Moura Tenório, Ataíde dos Reis Delicado e Gaspar Maria Pires.

C.

## Vimos em Lisboa

*De Elvas*:—Srs. Francisco Adelino Gonçalves.

*De Avis*:—Sr. Rosa Mendes.

*De Cabeço de Vide*:—Srs. Joaquim Pinheiro Feio e Marceano Rodrigues.

*De Beja*:—Dr. João Pulido e António Domingos de Sousa e Silva, André Bravo e Afonso José da Fonte.

*De Souzel*:—Sr. Bastos Ribeiro.

*De Evora*: Sr. Antão Descalço.

## Melhoramentos no Alentejo

O sr. Ministro das Obras Publicas, autorizou as seguintes verbas pelo fundo do desemprego:

*Barbacena*— Para abastecimento de águas 72.200\$00.

*Alcaçovas*— Abertura de um poço, colocação da canalização de água destinada a abastecer o lavadouro 18.500\$00.

*Vale Maceiras (Fronteira)*— Construção de um edificio para o Posto Medico e Registo Civil, 2.909\$87.

Também o sr. Ministro das Obras Públicas autorizou a concessão, para edificios escolares, das seguintes dotações:

Para Aldeia Nova de S. Bento (Serpá) 35.000\$00; Cabeço Gorda, (Beja) 2.500\$00; Castro Verde, 10.630\$00; para a construção do Pavilhão do Internato da Escola dos Regentes Agricolas de Evora, 181.639\$15.

*Alter do Chão*— O sr. Ministro do Interior autorizou a Camara Municipal de Alter do Chão a contraír na Caixa Geral de Depósitos um empréstimo de 200 contos para obras de electrificação, exploração e captação de águas e construção de esgotos.

*Electricidade em Portel*— A Camara Municipal de Portel foi autorizada a contraír um empréstimo de 350 contos para a construção de uma Central electrica e montagem das respectivas máquinas.

*Água em Odemira*— Foi autorizada a verba de 12.000\$00 para pesquisas de água em Odemira.

## O NOSSO EMPREENDIMENTO

Continuamos hoje a mencionar os nomes dos bons alentejanistas que nos honraram com a sua assinatura.

*Evora*— Srs. Alexandre Marques Caldeira Pais, Antão Descalço, Antonio Rego Pepe, Antonio Vilhena, Archimínio Cairo, Augusto Mauzinho, Companhia de Seguros Pátria, Eduardo Nogueira, Francisco Dias Bernardes, Francisco Eduardo Vieira de Barahona, Francisco José C. Pereira, Francisco José Petronilo, Francisco Miguel Calhau, Guilherme Perdígão Reynolds, Honório Costa, Jeronimo de Mira Amaral, João Torres Vaz Freire, José Mósca Nunes, José de Paula Costa, José Roma Pereira, João da Costa Lobato, Dr. João Xavier Camarate Campos, José Carlos Abelha, José Celestino Ferosinho, José da Conceição Liberato, José Leal Tojo, José Maria Baptista (Machede), Manuel Dias Descalço, Manuel Abilio, Manuel Antonio do Monte, Manuel Vicente Almeida, Manuel Estanislau Vieira Barahona, Manuel José Cutileiro Ferreira, Manuel José Prates, dr. Manuel Lopes Marçal, Rigoberto Julio Nogueira, Virgílio Ferreira Vieira e Virgílio Salvador Ricardo da Costa.

# PELOURINHOS



Pelourinho de Estremôs

**T**AMBÉM o Alentejo possui muitos documentos arqueológicos conhecidos por Pelourinhos.

E se mais não tem, se em tôdas as terras que outrora tiveram importância não se erguem imponentemente êsses velhos e históricos padrões a atestar a soberania municipal dos vários concelhos, é porque a força liberal de 1834, vendo nesses marcos o símbolo da morte e da

ignominia, os mandou destruir, razão porque muito poucos já hoje existem a atestar o passado.

Simbolo da morte! Não haja confusão! Os supliciados eram sacrificados à fôrça. Esta erguia-se sinistramente nas praças públicas. Os Pelourinhos nada tinham que ver com os instrumentos da morte. Eram padrões documentários em que o rei atestava no mármore os privilégios concedidos a determinadas jurisdições municipais.

Assim, erguem-se ainda no Alentejo: **Messejana.** Antigo concelho, hoje reduzida a freguesia de Aljustrel. Foi Messejana um grande feudo árabe, e a estes foi conquistada pelo rei D. Sancho II. D. Dinís, o rei Lavrador que dotou o Alentejo com tantos forais, não se esqueceu de Messejana. Ergueu-se então um monumento, atestando a sua autonomia municipal. É uma coluna elegante em mármore branco que assenta sobre quatro degraus e é cercada por uma esfera e cruz de ferro forjado.



Pelourinho de Avis

**Arraiolos.** — Foi o Mestre de Avis que incorporou a vila de Arraiolos na jurisdição municipal. Depois da morte de D. Alvaro, irmão de D. Inês de Castro e de Fernão Alvares, o rei D. João I doou esta mesma vila, com todos os seus privilégios, em 1387, ao condestável D. Nuno Alvares Pereira, com o título de condado, passando mais tarde êste condado para a Casa de Bragança. O seu Pelourinho documenta essa época.

**Estremôs.** — É uma das mais velhas povoações do Alentejo esta linda cidade. Foi um grande centro romano e depois árabe. O primeiro foral que recebeu e que justifica o seu Pelourinho foi dado pelo rei D. Afonso III, em 1258, ao mesmo tempo que a povoação era muralhada. Mais tarde, D. Dinís mandou edificar a sua Torre de Menagem, e, em 1512, D. Manuel I reformou êsse foral.

**Avis.** — É um dos mais elegantes Pelourinhos e aquele que documenta a época de um grande poderio. A ordem de S. Bento de Avis, pois os foros dados a Avis, por D. Afonso II, datam de 1218.

O sr. Mário Saa, alentejano muito erudito, descreve no Album Alentejano o termo concedido a Avis. Era êsse termo, vastíssimo, «ao norte pela vetusta estrada internacional luso-romana de Abrantes a Mérida; ia da ponte de Sor à ponte de Seda, e daqui, pela mesma via, à Cabeça de Alter (Alter Pedroso) e ao Arrecete (?); e voltava então para o sul, passando a Pedrogão de Alfagiari *Noydar* (sic), prosseguindo até à Mata de Alcaraviça, Esta mata era junto a Veiros, onde ainda hoje há o ribeiro de Alcala-vicia, cuja continuação se chama a ribeira de Avis; por tal motivo

remos relacionar os dois nomes Avis e Al-Cala-Avicim com destinos os mais variados. A elegância das suas linhas, a sobriedade da sua decoração, o ritmo das suas proporções, fazem-nos lembrar, confrontando com os outros pelourinhos portugueses, aqueles cones vulcânicos emergindo, de repente, numa planície absolutamente uniforme.

E Mário de Saa explica que na área da jurisdição de Avis cabiam as seguintes povoações: «Avis, Galveia, Benavila, Seda, Ervidal, Figueira, Cabeço de Vide, Alter, Fronteira, Veiros, Souzel, Cano, Casa Branca, Cabeção, etc. Possuía, ainda, fora dêste bloco: Jerumenha, Alandroal, Barrancos, Noidar, Mafra, Alpedris, Alcanede, S. Vicente da Beira, etc.»

**Pelourinho de Nisa.**—O sr. Du-rães Correia escreve no «Album Alentejano», pròximamente a ser publicado e a propósito do Pelourinho de Nisa:

«O Pelourinho de Nisa consta de:

— Plataforma quadrada com três degraus de acesso;

— Base prismática, quadrangular, emergindo do centro da plataforma, decorada com duas rasas em cada face;

— Fuste, tronco-piramidal, de base octogonal-liso;

— Capitel, tronco-cónico invertido; na face voltada para os Paços do Concelho tem as quinas encimadas por uma corôa; na face oposta, as armas da vila de Nisa; na face direita, a seguinte inscrição: *Nos Populo Damos MDCCXCII*, e a face esquerda encontra-se mutilada;

— Remate: em cone onde pousa uma esfera armilar—presumível recordação da reforma do foral de Nisa, pelo rei Venturoso — e termina superiormente por uma espada, tendo o punho assente no polo da esfera armilar—símbolo da justiça e punição do direito ofendido.

O monumento é todo em mármore, talvez proveniente de Estremôs, visto não existir na região.

A esfera e a espada são de ferro forjado. Tôdas estas peças se profanaram com destinos os mais variados.

A elegância das suas linhas, a sobriedade da sua decoração, o ritmo das suas proporções, fazem-nos lembrar, confrontando com

de Nisa

Messejana

Desempenhou Veiros, na história de Portugal um grande papel no reinado de D. João I. Foi aqui o berço da dinastia brigantina.

Diz o *Album Alentejano*: «Foi Veiros o berço da casa de Bragança, pois nasceu no seu Castelo no ano de 1370 o primeiro

Duque de Bra-

gança, D. Afonso, filho do Mestre de Avis, depois rei D. João I e de D. Inês Pires, senhora natural desta vila filha de Afonso Esteves. Era êste homem de tanto brio que logo que sua filha admitiu o Mestre de Avis, não fez mais a barba, pelo que lhe chamaram o *Barbadão*; não faltam memórias onde se assevera que tanto se preocupara da honra ofendida, que chegara mesmo a meditar a morte do Mestre de Avis, como autor de sua injúria».

Mas, Veiros conseguiu a sua autonomia municipal em 1516, pois foi D. Manuel I que lhe deu foral, passando por êsse facto nota e assento em côrtes, ocupando o 12.º lugar. Além dessa tinha Veiros grandes privilégios. Hoje é uma vila importante per-



Pelourinho de Cabeço de Vide

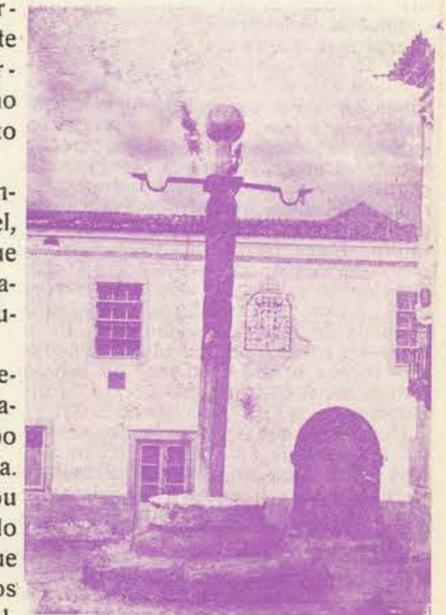


Corôa Pelourinho de Avis

tente ao Concelho de Estremôs, distrito de Évora.

**Beringel.** — Da antiga vila de Beringel, nada existe hoje que documente publicamente a sua antiga autonomia municipal.

É Beringel uma velha povoação alentejana. Já existia no tempo da dominação romana. Mas Beringel começou a dar sinal de si pelo ano de 1255, em que Afonso III a doou aos frades bernardos de Alcobaca.



Pelourinho de Arraiolos

# Trigos e Farinhas

Pela pasta da Agricultura vai ser publicado o seguinte decreto:

«Por determinação do Ministério da Agricultura e por iniciativa da F. N. I. M. procedeu-se a um amplo inquerito acerca da existência de trigos e farinhas na posse das empresas de moagem e provenientes do ano cerealífero de 1933 a 1934. Por ele se averiguou que em 12 de Agosto do ano corrente existiam nos armazéns daquelas empresas 68.000.000 de quilos de trigo, números redondos, e 9.000.000 de quilos de farinha, o que vale por 80.000.000 de quilos de trigo.

Eis o motivo por que se não efectuaram as distribuições de trigo correspondentes aos meses de Agosto e Setembro do ano corrente. E tendo-se apurado ainda, em face dos elementos referidos nos n.ºs 2.º e 3.º do artigo 22.º do decreto n.º 24185, de 18 de Julho de 1934, as quantidades de trigos farinados e as quantidades de farinhas vendidas, pareceu conveniente que a primeira distribuição deste ano cerealífero respeitasse ao mês de Outubro.

E, porém, indispensável que as operações de distribuição se executem com perfeita regularidade e que o pagamento dos trigos distribuídos se faça pontualmente. Para isso se definem as regras claras e simples a que não de obedecer essas distribuições e se estabelecem as sanções a aplicar em caso de falta de pagamento, de recusa de recebimento de trigos ou da falta de remessa de sacaria.

Por falta de celeiros próprios foi a F. N. P. T. obrigada a armazenar trigos em celeiros das empresas de moagem. Esses trigos pertencem à F. N. P. T. e não podem, em circunstância alguma, ser farinados sem serem distribuídos. E nem esses nem os distribuídos podem ser farinados sem estarem pagos. Até esse momento continuavam ou ficam no regime de depósito definido no presente decreto e por eles são responsáveis as empresas e os seus gerentes, directores ou administradores, e ainda os agentes da fiscalização. Pensa-se, no entanto, em utilizar mais largamente os armazéns das empresas de moagem sem prejuízo das suas condições de laboração mas em regime diferente de que se tem adoptado.

No período que decorre desde o principio do ano até á data da primeira distribuição, umas fabricas tem laborado mais do que lhes competiria em relação ao consumo deste período, outras menos e outras, ainda, suspenderam a laboração. Porquê? Por que no excedente apurado as fabricas participavam desigualmente em relação às suas quotas de rateio. Umas possuíam largas existências, outras não. De facto e da falta da distribuição de trigos em Agosto e Setembro resultou para as fabricas a desigualdade de condições de laboração. Pode dizer-se: as que agora laboraram a menos tinham laborado a mais do que as outras até á data do apuramento do inquerito.

Mas, ainda que se entenda que nenhuma foi ofendida na quota de laboração, a verdade é que uma empresa de moagem se desdobra em empresa propriamente industrial e comercial. Depois do fabrico tem de promover a colocação das farinhas. E é indiscutível que a paralisação de uma fabrica importa a impossibilidade do abastecimento do mercado de farinhas e, portanto, uma lesão na sua actividade comercial. Por isso se lhes dá agora a

reparação que é possível dar-lhes sem perturbar a vida das outras empresas.

Usando da faculdade conferida pela 2.ª parte do n.º 2.º do artigo 103.º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo para valer como lei o seguinte:

Artigo 1.º, A primeira distribuição dos trigos da colheita de 1933 a 1934 corresponde ao mês de Outubro do ano cerealífero corrente.

Art. 2.º, Na distribuição mensal de trigos observar-se-ão as regras seguintes:

1.º, Até o dia 15 de cada mês a Federação Nacional dos Produtores de Trigo (F. N. P. T.) e a Federação Nacional dos Industriais de Moagem (F. N. I. M.) passarão as guias de entrega e levantamento dos trigos.

2.º, No prazo de 10 dias a contar da data de expedição das guias será remetida a sacaria para as delegações concelhias da F. N. P. T. e nos 12 dias immediatos será pesado, conferido e transportado o trigo para a estação ou cais mais proximo.

3.º, A passagem do trigo e a determinação do seu especifico serão feitas no celeiro do produtor ou da delegação da F. N. P. T. na presença de um agente da empresa destinataria do trigo ou do gremio dos industriais de moagem e no dia ou dias designados pela delegação. Na sua falta a delegação requisitará para assistir á pesagem um funcionário municipal.

4.º, De cada lote de trigo se tirarão, sempre, duas amostras que devem ser seladas e rubricadas por um membro da delegação e pelo agente ou funcionário que assistir á pesagem. Uma destina-se á delegação, outra á fabrica ou empresa.

5.º, Em caso de derrame, perda ou furto, durante o percurso do celeiro para a estação ou cais de embarque, a empresa destinataria ou gremio pode requerer nova pesagem do trigo nesses lugares com a presença de um agente da delegação concelhia da F. N. P. T.

Art. 3.º Nas distribuições do ano cerealífero corrente as fabricas de moagem que tenham, por falta de trigos, laborado menos do que lhes competiria em relação ao consumo dos meses de Agosto e Setembro, serão compensadas por acrescimento ás cotas mensais de rateio.

§ único. As existências apuradas em 30 de Setembro provenientes do ano cerealífero anterior serão farinadas até ao fim do corrente na razão de uma oitava parte em cada mês e sem prejuízo das cotas de rateio das respectivas fabricas.

Art. 4.º, O pagamento dos trigos distribuídos e entregues será efectuado por cada empresa no prazo de 10 dias a contar da data da expedição das respectivas facturas na sede da F. N. P. T.

Art. 5.º, A falta de pagamento no prazo ou a recusa do recebimento de trigos, em cada distribuição mensal, importam para a empresa uma dedução na sua cota de rateio correspondente ao que tiverem deixado de pagar ou de receber em trigo e a obrigação de indemnizar a F. N. P. T. pelos prejuizos resultantes.

§ 1.º, Em caso de reincidência a dedução na cota de rateio será elevada ao dobro e, em caso de nova reincidência, a fabrica ou empresa perderá a sua cota de rateio.

§ 2.º, Para o efeito do disposto neste artigo a F. N. P. T. comunicará, imedia-

tamente o facto á Inspeção Técnica das Industrias e Comercio Agricolas.

§ 3.º, A recusa do recebimento do trigo deve ser verificada por um agente da autoridade do concelho da situação da fabrica.

Art. 6.º, As cotas ou parte das cotas de rateio perdidas pelas fabricas ou empresas, nos termos do art. anterior, serão atribuídas ás outras proporcionalmente ás cotas preexistentes.

Art. 7.º, As fabricas ou empresas que não remeterem a sacaria no prazo indicado no n.º 2.º do art. 2.º incorrem na multa de \$001 por quilograma de trigo e por fabrica.

§ único. A demora além de 5 dias é constituída como recusa de recebimento do trigo para os efeitos do art. 5.º.

Art. 8.º, As multas previstas no art. anterior serão lançadas pela Inspeção Técnica das Industrias e Comercio Agricolas e applicadas nos termos dos números seguintes:

1.º, Verificada a infracção pelas delegações de F. N. P. T. deve esta participá-la á Inspeção Técnica das Industrias e Comercio Agricolas.

2.º, A Inspeção procederá ao lançamento e avisará a empresa para no prazo de 10 dias efectuar o pagamento voluntario da respectiva importancia.

3.º, Na falta de pagamento, a Inspeção Técnica extrairá do lançamento uma certidão que enviará ao Tribunal competente para efeitos de execução.

Art. 9.º, A certidão a que alude o n.º 3.º do art. anterior é considerada titulo exequível e o produto da multa reverte em favor do Estado.

Art. 10.º, As empresas ou fabricas não podem em caso algum, utilizar ou farinar os trigos recebidos nem os depositados nos seus armazéns, enquanto não forem pagos.

Art. 11.º, Os proprietarios, gerentes, directores ou administradores das empresas são havidos por fieis depositarios dos trigos recebidos ou depositados nos respectivos armazéns, nos termos do artigo anterior, para todos os efeitos civis e criminaes, designadamente para os efeitos do art. 825.º do Codice do Processo Civil.

§ único. A mesma responsabilidade caberá aos agentes da fiscalização da F. N. I. M. se, não podendo evitar a utilização ou farinação do trigo, participarem imediatamente o facto á F. N. I. M.

Art. 12.º, As duvidas ou divergencias suscitadas por causa da qualidade dos trigos, do seu valor ou por outro motivo semelhante, serão resolvidas pela Inspeção Técnica das Industrias e Comercio Agricolas sob reclamação da parte interessada e ouvida a outra parte.

§ 1.º, Desta decisão haverá recurso para o ministro da Agricultura.

§ 2.º, As duvidas ou divergencias constituem fundamento de reclamação mas não motivo de recusa de recebimento dos trigos.

**Carlos Homem de Sá**  
ADVOGADO

Rua da Vifória, 83-3.º

Telef. 27277

LISBOA

# A ROSEIRA

## Sua origem e sua importancia "ética e étnica"

Pelo Professor S. Decker

### IV

Antes de prosseguir, voltemos rapidamente ao país da origem — as montanhas da Irânia, para lembrar que, na cultura chinesa nenhuma importância teve a flôr milenária. O mesmo se pode dizer em relação à Índia, cujos povos só conheceram a rosa após a introdução do mahometismo, que também reconhece uma origem persico-árabe.

A Pérsia foi sempre e continúa a ser o «paraíso das rosas». A poesia encantadora daquele povo nada mais é do que o perfume voluptuoso e suavíssimo dessa flôr predestinada fluindo dos versos dos seus poetas. Para o persa, a rosa é o símbolo da própria divindade. São célebres no Oriente todos os «jardins das rosas» de Kaschmir, plantados com a «Gul sad barg», a «Rosa centifolia». Espandindo o seu suave simbolismo poético, Shiras chamou à cidade de Hafis o «ponto de beleza sobre a terra», naturalmente inspirado pela multidão de roseiras que florescem pereneamente naquele lugar privilegiado. Reza uma tradição antiga do Oriente que todo o jardim deve possuir o seu «Gulistan» ou «jardim de Rosas». O «Gulistan» é constituído por uma alea de árvores de sombra à margem

de um riacho de águas límpidas e ladeadas por dois longos canteiros de roseiras. Vivendo sob tradições tão formosas, não é para causar surpresa que a poesia e a própria linguagem dêsse povo apareçam sempre semeadas de rosas. Para o persa constituem estas o padrão pelo qual tudo se mede. Seria ocioso citar trechos de literatura persa, e, se a tal nos propozessemos, sentiríamos logo o «embarras du choise» insensível que nos crearia a multidão das cousas profundamente belas, originárias da sua devoção à rosa. Na fantasia dos persas na sua poderosa imaginação criadora, não há lugar para outra flôr. Assim, também os turcos e os árabes.

Esse amor multiforme pela rosa foi também a origem da fabricação da água e da essência de rosas, que em tempos já remotos disfrutara grande importância comercial. Atribuíam os mahometanos a esses productos, virtudes santas e purificadoras. Compreende-se pois, porque o Califa Omar mandou lavar com água de rosas, depois da tomada de Jerusalem, o planalto rochoso sobre o qual outrora se elevava o templo de Salomão, onde ia edificar-se a celeberrima mesquita de Omar.

(Continúa)

## Conselhos práticos para a cultura de hortaliças

Pelo Professor S. Decker

### IV

#### Os canteiros

Tudo que foi dito com referência aos canteiros destinados a receber as sementeiras é aplicado também aos canteiros de cultura. Estes devem ter a largura de 1.<sup>o</sup>20 sobre (no máximo) 10 metros de comprimento, sendo separados por pequenos caminhos de 30 cent. de largura. Deve se dar-lhes a direcção norte-sul, onde isso fôr possível.

#### A plantação

Escolhe-se um dia chuvoso, ou pelo menos com o céu encoberto. Não se deve plantar nas horas quen-

tes do meio dia. Transportam-se as «mudas» em cestos ou caixões cobertos com panos humedecidos. Faz-se a plantação conforme está indicado nos capítulos dedicados a cada espécie de hortaliças. Enterram-se as plantas sempre de tal maneira que as suas raízes desçam totalmente em direcção vertical, visto que as plantas com as pontas das raízes viradas para cima sofrem muito, e muitas vezes perecem. Afasta-se a terra ao redor do colo das plantinhas e cobre-se o solo com estrume palhoso, sendo conveniente cingir o colo de cada muda com um colarinho de papel firme, que lhe garanta a frescura do solo e favoreça o enraizamento.

(Continúa)

## CURIOSIDADES

### A luz de gás

Quando a luz de gás foi instalada em Friedburg, na Saxonia, ha um século, muitos jornais alemães se opuzeram a esta enoção empregando argumentos surpreendentes.

Dizia-se que essa iluminação da noite era uma profanação á vontade de Deus. Foram preditos grandes males á saude e á moral. Dizia-se que os namorados ficariam na rua até tarde, que as constipações haviam de reinar, que os gatunos agiriam com mais facilidade, etc.

Considerou-se uma injustiça que aqueles que dormiam a noite inteira, pagassem uma luz que eles absolutamente não necessitavam.

### Vinagre de maçãs

Graças ao sol ardente que lhe dá uma percentagem de assucar, com as maçãs da California pode-se fabricar vinagre de qualidade superior, pela transformação do assucar em alcool e em acido acetico.

Naquelle país instalou-se a maior fabrica de cidra e de vinagre, do mundo inteiro.

O suco da maçã, para a transformação em vinagre, é colocado em umas dornas de fermentação e junta-se-lhe um pouco de fermento e cavacos de faia que facilitam a sua transformação.

### Segrêdos industriais

Guardam-se no mundo dois grandes segredos industriais que são conhecidos apenas por um número limitado de industriais e que é bem possível que nunca sejam divulgados. Um deles é o segredo chinês para se fabricar a bela cor vermelhão ou vermelho chinês e o outro é um segredo turco, para se fazerem adamacados perfectos. Ambos os segredos são guardados com o maximo cuidado tanto pelos chinezes como pelos turcos, respectivamente.

Os individuos que são admitidos nas casas que se dedicam a estas industrias, tem que prestar um juramento solene de não revelar absolutamente a ninguém nada do que se faz dentro da fabrica. Alem disso é condição indispensável que os aprendizes pertençam a familias remediadas que possam pagar uma elevada soma de dinheiro pela aprendizagem, e que possam estes apresentar certificados de boa conducta e honrados. Os segredos a que nos referimos vem sendo transmitidos de geração a geração, desde ha muitos séculos passados.

### Novo médico alentejano

Concluiu em Lisboa a sua formatura, o sr. dr. Manuel Chaveiro Rovisco Pais, de Casa Branca, filho do nosso assinante sr. Rovisco Pais.

### Vida Alentejana

Preço da assinatura  
Série de 5 numeros..... 5\$00  
" " 10 " ..... 10\$00  
Número avulso 2\$00

# Aspecto agrícola do problema corticeiro

(De uma conferência do dr. João Calheiros)

Segundo o meu modo de ver, considero hoje a cortiça uma das riquezas que mais interessa à economia do País, não só pelas suas características especiais de produção, como também pelo valor da sua exportação, para quasi todos os países do mundo.

A produção de cortiça é, realmente, um privilégio de certos países de uma zona temperada bastante limitada e não vai além de 225.000 toneladas, numa área aproximada de 2.500.000 hectares, ocupada por Portugal, Espanha, Argélia, França, Itália, Tunisia e Marrocos, cabendo ao nosso País metade da produção mundial.

O seu consumo está espalhado por quasi todos os países para onde a cortiça é exportada, em fardos, depois de devidamente preparada e escolhida para diferentes aplicações industriais ou manufacturada em diversos artigos do consumo mundial, tais como rollhas, discos, papel, aglomerados e ainda outros artefactos fabricados no País e cujo valor total, quanto à exportação, se deve reputar, aproximadamente, em 175.000.000\$00 (Escudos).

Pelo simples enunciado destes números, facilmente se depreende quais as vantagens dum estudo cuidadoso e atento das condições em que as cortiças se produzem, se preparam e transformam, para serem exportadas para os diferentes mercados estrangeiros, em concorrência com os outros países produtores.

Como se sabe, a cortiça é um produto quasi natural do nosso solo continental, que se cria e desenvolve nos sobreiros, cuja existência é, na sua maior parte, de origem espontânea, pois poucos são, ainda, em Portugal, os sobreiros devidos à plantação.

É sabido igualmente, e já o tenho dito, que a cortiça só se cria e desenvolve em climas temperados e, sobretudo, em certos terrenos de natureza especial.

A produção anual no nosso País é avaliada, segundo os mais competentes nesta matéria, em 100.000 toneladas, numa área de produção de cerca de 500.000 hectares, atingindo a sua maior intensidade em toda a região ao sul do rio Tejo e nos distritos de Castelo Branco e Santarém.

A cortiça viveu, durante muitos anos, em estado de completo abandono, antes de ser aproveitada para

fins industriais, sendo primitivamente a madeira de sôbro aplicada em determinadas construções.

A sua primeira aplicação, em Portugal, creio eu, data do princípio do século passado, na fabricação de rollhas. A sua extracção passa pelas três seguintes fases:

Cortiça virgem, quando o sobreiro atinge 15 anos de idade; cortiça segunda, extraída 9/10 anos depois, quasi imprópria ainda para fabricação e, por isso, de pouco valor; e cortiça amadia, extraída 9 anos depois desta e que é já, então, o produto devidamente formado e com todas as características específicas e próprias para os fins industriais em que vulgarmente se aplica.

Por estas características especiais se vê, claramente, que a cortiça é um produto não apenas privilégio de certos países, como também de produção lenta e pouco animadora, para com ela se fazerem novas explorações de cultivo do sobreiro, não havendo, por isso, a temer uma super-produção, em tempos muito próximos, tanto mais que temos de contar com o desaparecimento de uma parte do arvoredo que, pouco a pouco, vai morrendo.

Infelizmente, em Portugal, nota-se, desde há bastante tempo, uma degenerescência cada vez mais acentuada na qualidade das nossas cortiças, da qual a Indústria se vem ressentindo, sobretudo pelas dificuldades, cada vez maiores, no emprêgo e colocação das qualidades inferiores.

Este assunto merece ser ponderado devidamente e estudado, com atenção, sob o ponto de vista social e económico e nos seus dois aspectos principais, agrícola e industrial.

Como acabei de dizer, a produção das cortiças que se extraem dos sobreiros que brotam, espontaneamente, do solo ou devido à sementeira da lande ou plantação dos chaparros, é muito morosa, condição esta pouco estimulante para a conservação e tratamento dos montados onde, quasi exclusivamente, se deviam criar e desenvolver os sobreiros, segundo as opiniões mais autorizadas no assunto.

Daqui se deve concluir que, se o sobreiro não fôsse, principalmente, de geração espontânea, não existiria, decerto, em Portugal e noutros países, uma tão grande riqueza, proveniente do enorme consumo que as cortiças têm hoje, em todo o mundo,

visto que o seu emprêgo, para fins industriais, é ainda muito recente.

As revoluções político-sociais dos últimos tempos e as convulsões económicas do mundo inteiro, originando um constante mal-estar na vida das sociedades modernas, criaram no homem de hoje, naturalmente, um espírito de egoísmo, demasiado oportunista, que se sobrepôs e quasi excluiu aquele velho espírito conservador, calmo e previdente dos nossos antepassados, à sombra do qual a propriedade se recebia e transmitia, de geração em geração, dentro de uma mesma família.

Havia, então, o amor e o carinho pela propriedade, ligado ao amor da própria família; de forma que uma ia acompanhando a outra, tanto por convenção como pela tradição de velhos costumes.

Numa sociedade, assim, era fácil e quasi natural remediarem-se os males que, para a economia do País, provêm do abandono e do desleixo em que se encontra hoje uma grande parte dos nossos sobreiros, susceptíveis de se converterem num valor improdutivo e quasi nulo, se um novo sistema não viesse substituir a anarquia económica em que temos vivido até agora.

Ainda bem, portanto, que em Portugal se iniciou uma nova política económica, de organização e coordenação de interesses.

Assim, tornar-se-á possível educar e conduzir as forças económicas, até há pouco dispersas e sem nenhuma orientação prática e proveitosa para os interesses do País.

## Informações agrícolas

A Federação Nacional dos Produtores de Trigos até ao mês de Outubro pagou, da colheita de 1934, escudos 384 664 239\$50, assim discriminadas:

A 2.009 grandes produtores 134.504.466\$00.

A 79.899 pequenos produtores 250.163.773\$50.

BEJA 20. Já se iniciaram com grande azafama as sementeiras nesta região. A adubação das terras tem sido feita em grande parte com o adubo do Sindicato do Azote de Berlim ou seja a Sociedade de Anilinas.

Para desinfeccção do trigo estão empregando em grande escala o Tillantin.

## Cotação dos produtos agrícolas

Designação	Borba	Beja mercado 5 de Nov.	Redondo Feira de S. Francisco	Evora	Portalegre Mercado	S. Tiago do Cacem Feira 4 de IX	Elvas	Lisboa
Aveia, 20 litros	7\$00	6\$50	7\$00	7\$00	8\$00	8\$00	7\$00	8\$00
Centeio, 20 litros	10\$00	—	10\$00	k. \$80	14\$00	—	—	—
Cevada, » »	9\$00	7\$50	9\$00	9\$00	10\$00	10\$00	13\$50	9\$00
Fava, 20 litros	16\$00	13\$00	18\$00	14\$00	17\$00	18\$00	13\$00	14\$00
Grão de bico, 20 litros	24\$00	2\$250	25\$00	25\$00	28\$00	—	22\$00	25/30\$00
Lã } branca, 15 kilos	150\$00	—	150\$00	140\$00	150\$00	—	130\$00	140\$00
} preta, » »	120\$00	—	110\$00	130\$00	120\$00	—	100\$00	110\$00
Queijos } cabra, kilo	—	12\$00	9\$00	cent. 80\$00	80\$00	—	12\$00	—
} ovelha, kilo	12\$00	12\$00	9\$00	» 70\$00	14\$00	—	12\$00	—
Azeite, 10 litros	58\$00	(litro) 5\$50	56\$00	60\$00	60\$00	70\$00	60\$00	58\$00
Cortiça, 15 quilos	10\$50	—	16\$00	9\$00	—	—	—	—
Vinho } branco, 500 litros	400\$00	500\$00	400\$00	375\$00	450\$00	—	—	—
} tinto, » »	400\$00	500\$00	250\$00	375\$00	450\$00	—	—	—
Carvão, 15 quilos	4\$00	—	5\$75	5\$50	6\$00	—	5\$00	—

## Cotação de gados

Designação	Borba	Beja Mercado 6-X	Redondo Feira de S. Francisco	Evora Feira Nova 13-X	Estremós Outubro	Castro Verde Feira 20 de Outubro	Elvas
Cavalo de sela	3.000\$00	3.000\$00	2.500\$00	2.000\$00	3.000\$00	3.000\$00	2.500\$00
Parelha de cavalos	6.000\$00	5.000\$00	4.000\$00	4.000\$00	5.000\$00	6.000\$00	5.000\$00
Jumento	800\$00	500\$00	500\$00	400\$00	250\$00	300\$00	300\$00
Parelha de muare	10.000\$00	8.000\$00	8.000\$00	8.000\$00	10.000\$00	10.000\$00	8.000\$00
Junta de bois	4.000\$00	4.000\$00	4.500\$00	4.000\$00	4.000\$00	5.000\$00	5.000\$00
» » vacas	3.000\$00	3.000\$00	3.000\$00	2.800\$00	3.000\$00	4.000\$00	3.000\$00
Vaca leiteira	2.500\$00	2.000\$00	2.500\$00	2.000\$00	1.500\$00	3.000\$00	1.500\$00
Novilhos	2.000\$00	700\$00	—	5.500\$00	1.200\$00	2.000\$00	2.000\$00
Vitela de 6 mezes	800\$00	400\$00	—	400\$00	400\$00	100\$00	600\$00
Carneiros	100\$00	100\$00	100\$00	90\$00	100\$00	80\$00	90\$00
Ovelhas	120\$00	100\$00	90\$00	100\$00	100\$00	—	70\$00
Borregos	—	20\$00	—	50\$00	—	70\$00	30\$00
Cabra leiteira	200\$00	110\$00	100\$00	100\$00	150\$00	—	120\$00
Cabrito	—	20\$00	25\$00	25\$00	50\$00	—	30\$00
Porco, em vivo	(Arreba) 90\$00	(Arreba) 80\$00	arr. 100\$00	250\$00	50\$00	(Arreba) 90\$00	(1 ano) 250\$00
Bacoros	50\$00	50\$00	—	30\$00	80\$00	(10 m.) 140\$00	(2 ano) 140\$00
Leitão de mês	10\$00	12\$00	—	15\$00	—	20\$00	15\$00

## Salários médios

Concelhos	Designação de trabalhos	SALÁRIOS				Observações
		Homens		Mulheres		
		A sêco	C/ comida	A sêco	C/ comida	
Evora	Trabalhos da época	8\$00	3\$50	3\$00	2\$50	
Portalegre	Trabalhos da época	—	5\$00	3\$50	3\$50	
Borba	Vindima	7\$00	—	3\$00	—	
S. Tiago do Cacem	Lavoura	8\$00	4\$00	—	—	
Beja	Sementeiras	7\$00	5\$00	—	—	
Elvas	Sementeiras	8\$00	3\$00	4\$00	2\$00	

## Carnes verdes e fumadas

Designação	Preços por quiliograma							
	Borba	Beja	Redondo	Evora	Portalegre	S. Tiago do Cacem	Elvas	Lisboa
Cabra	5\$00	4\$00	—	—	5\$00	—	—	7\$00
Cabrito	—	4\$00	—	—	5\$00	3\$00	—	8\$00
Carneiro	6\$00	5\$00	—	6\$00	5\$00	4\$00	6\$00	7\$60
Porco } com osso	—	10\$00	6\$00	9\$00	8\$00	6\$00	6\$00	9\$00
} sem osso	—	12\$00	12\$00	14\$00	12\$00	8\$00	12\$00	12\$00
Vaca } com osso	—	5\$20	—	6\$50	4\$40	—	4\$00	9\$00
} sem osso	—	10\$20	—	12\$00	8\$80	—	8\$00	—
Chouriço	15\$00	16\$00	18\$00	—	12\$00	12\$00	14\$00	—
Farinheira	6\$00	—	—	8\$00	7\$00	—	10\$00	—
Morcela	10\$00	—	14\$00	10\$40	7\$00	16\$00	10\$00	14\$00
Paio	18\$00	18\$00	20\$00	—	16\$00	—	16\$00	8\$00
Presunto	—	15\$00	—	—	18\$00	—	18\$00	8\$00
Toucinho	6\$00	7\$00	10\$00	7\$20	6\$20	8\$00	9\$00	24\$00
Banha de porco	6\$00	8\$00	8\$00	8\$00	7\$00	8\$00	9\$00	12\$00

# ADUBOS

Não comprem sem nos consultar!

No intuito de bem servirmos a lavoura portuguesa, temos á venda todos os ADUBOS, aos melhores preços, e nas melhores condições.

**Sulfato de amonio:** 21 % de azote, cristal em sacos cozidos á maquina.

**Sulfato de amonio:** 21 % qualidade coke, macio, em sacos cozidos á mão.

**Nitramonio:** 21 % de azote, sendo metade nitrico, metade amoniacal—40 % de cal. O mais barato adubo azotado.

**Cianamide:** 19/20 % de azote

**Fosfato Allegro:** 26 %, o mais barato e melhor adubo fosfatado, para terras fracas, acidas ou pobres de cal.

**Superfosfato Leão:** importado da Holanda. A 12 %, 16 % e 18 %.

**Fosfato Tomaz:** 14 %, 16 % e 18 %.

**Cloreto de potassa**  
**Sulfato de potassa**  
**Kainite** ..... Grandes reduções de preços sobre estes adubos.

**Niphokallum**  
**«Albatrós»** três adubos em um só. Adubos concentrados granulados.

**Purgueira «Cabrinha»**  
**Ricino belga**  
**Fosfato de amonio**  
**Adubos organicos, farinhas de peixe, adubos compostos.**

O maior sortido em adubos. Consultas técnicas a cargo de um competentissimo agrónomo

**Sociedade de Adubos Reis, L.<sup>da</sup>**

Rua da Betesga, 41, 1.<sup>o</sup> — LISBOA

# Obras de Pedro Muralha

Alemanha Perante a Europa... ..	(Esgotado)
Belgica Heroica ... ..	( » )
Terras d'Africa 2 vol... ..	40\$00
Portugal no Brazil 1 vol. ... ..	15\$000
À Prôa de Sagres 1 vol. ... ..	10\$00
Cartilha Colonial 1 vol. ... ..	5\$00
Album Alentejano, Tomo de Beja ... ..	20\$00
Tom de Evora... ..	25\$00

## Brevemente :

Album Alentejano, Tomo de Portalegre	30\$00
Artigas ... ..	10\$00

Pedidos á

**R. da Rosa, 105, 1.<sup>o</sup>**

# ALBUM ALENTEJANO

## TOMOS PUBLICADOS:

Beja .....	20\$00
Evora .....	25\$00

## A SAIR:

### PORTALEGRE

Com mais de 1.000 fotogravuras e 500 páginas 35\$00  
Os assinantes tem direito a 50 % de desconto nos tomos que tenha o seu anuncio.

Pedidos a ALBUM ALENTEJANO, IMPRENSA BELEZA

Rua da Rosa, 99 a 107 — Lisboa